



Marcelo Zocchio/AE

Watanabe: avalanche de zeros para os campeões de matemática em São Paulo

Matemática massacra alunos ¹⁰⁰

Estatísticas mostram o péssimo desempenho de estudantes de 1º grau em Matemática e Ciências

JOAQUIM DE CARVALHO

Quando corrigia a prova de matemática dos 261 estudantes selecionados para a Olimpíada de Matemática do ano passado, o físico Shiguelo Watanabe, presidente da Academia de Ciências do Estado de São Paulo, chegou a se perguntar se não deveria alterar o altissonante nome da competição cultural para um centro qualquer, que soasse mais coerente com a avalanche de zeros que teve de aplicar aos campeões regionais que se apresentaram para o último degrau da seleção, escolhidas entre 300 mil candidatos.

"Dos 261 finalistas da oitava série, 70 tiveram zero", espanta-se Watanabe, que desde 77 promove a olimpíada com recursos do Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A surpresa de Watanabe é a mesma da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo, que registra em suas estatísticas um fenômeno assustador: em matemática e ciências, campos de estudo que ganham cada vez mais importância na vida do cidadão moderno, o desempenho dos alunos vem progressivamente piorando.

Em seu relatório sobre a Olimpíada, Watanabe revela que 150 dos 261 candidatos, com idade aproximada de 14 anos, demonstram que não têm sequer a noção de que, dividindo uma circunferência em seis partes iguais, os pontos de divisão determinam um hexágono (figura de seis lados). "Esses estudantes, que foram selecionados em duas fases eliminatórias das olimpíadas, também fracassaram em questões simples que envolviam raiz quadrada.

Os sinais de que os alunos estão naufragando no oceano

das ciências exatas aumentam quando se mede o desempenho dos alunos da rede pública. Dos concorrentes finalistas, que conseguiram nota superior a 3,4 na olimpíada de 88, 70 eram de escolas estaduais, 20 de municípios e 36 de particulares. Segundo Watanabe, para tirar esses 90 finalistas da rede pública, a academia recebeu inscrições de 560 candidatos de escolas estaduais e municipais contra apenas 70 de escolas particulares. A escola particular aprovou a metade de seus inscritos, a escola pública só 20%. "Podemos considerar que, proporcionalmente, 70% dos alunos mais bem colocados são de escolas particulares", avalia ele.

O presidente da Academia de Ciências, ao comparar esses resultados com o da primeira olimpíada, observou que em 77 não houve nenhum zero na última fase da competição. "Alguns coisa grave está acontecendo, e eu acredito que seja na escola pública", diz ele. A partir dessa suspeita, ele conseguiu reunir 200 pais de alunos no último dia 1º, na USP, e fundou o Movimento Pró-Educação Estadual, que já descobriu algumas causas possíveis da queda da qualidade de ensino. Entre elas aparecem os baixos salários e a quebra do calendário escolar provocada pelas sucessivas greves.

